

## RESENHAS

### **A luta por direitos na arena política: trajetórias de trabalhadores membros do Centro Operário da Bahia**

Raul Fernando Nunes Dantas<sup>1</sup>

Resenha de: CASTELLUCCI, Aldrin A.S. *Trabalhadores e política no Brasil: do aprendizado no Império aos sucessos da Primeira República*. Eduneb, Salvador, 2015.

O livro de Aldrin Castellucci intitulado *Trabalhadores e política no Brasil: do aprendizado do Império aos sucesso da Primeira República*, é uma versão adaptada da sua tese de doutorado defendida em 2008 pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia e tem como principal objetivo analisar a participação da classe operária na política (aqui a política em seu estado formal, dos partidos) em busca de conquistas relacionadas aos mundos do trabalho. Dessa forma, o objeto de estudo recai sobre o Partido Operário da Bahia, a União Operária Baiana (formado da dissidência do primeiro), ambos criados em 1890, e o Centro Operário da Bahia (formado em 1893 como resultado da união das duas associações anteriores). Ao reconstituir a trajetória dessas instituições e dos sujeitos que a compunham, Castellucci chegou à conclusão de que o Centro Operário da Bahia teve papel fundamental nos arranjos políticos da Primeira República, tendo muitos de seus membros exercido cargos importantes na política tais quais juizes de paz e conselheiros municipais.

Para isso, o autor construiu sua obra ancorado na Nova História do Trabalho e procedendo a uma ampla investigação de fontes que vão desde jornais da chamada grande imprensa e da imprensa operária até atas de assembleias do Estado, inventários, testamentos, necrológios correspondências do Conselho Municipal de Salvador, da Câmara dos Deputados e do Senado do Estado da Bahia, estatutos e relatórios do Centro Operário da Bahia bem como de diversas outras associações criadas no período estudado.

Sendo assim, a obra encontra-se dividida em cinco capítulos. O primeiro, denominado “As regras do jogo” trata de questões mais gerais referentes ao funcionamento da política tradicional no período equivalente a esse estudo. Desta forma, discute quem era considerado cidadão, como era exercido o voto e quais os critérios para o exercício da cidadania no Império e as mudanças com o advento da República, além da organização dos espaços de poder na política baiana.

O segundo capítulo recebe o nome de “A montagem de uma máquina política operária”, pois mostra como o surgimento dos partidos operários no Brasil e na Bahia

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista do Cnpq. E-mail: rauldantas90@hotmail.com

foi pautado no modelo tradicional dos partidos políticos já existentes tanto na sua estrutura e organização, quanto ao seu funcionamento, partilhando muito dos seus vícios e virtudes, observando redes de clientelismo e práticas paternalistas no interior dessas associações operárias. É nesse capítulo que o autor aborda a criação do Partido Operário da Bahia (1890), o surgimento da dissidência em seu interior que daria origem meses depois à União Operária Bahiana, e a criação 3 anos mais tarde do Centro Operário da Bahia como resultado da união das duas associações anteriores. A despeito de seu objetivo principal ter sido eleger representantes da classe operária na política, é necessário salientar que as ações do Centro Operário da Bahia transcenderam esse cenário e adquiriram caráter multifacetado, funcionando também como uma associação mutualista e intermediando conflitos entre operários e patrões, papel geralmente (porém não exclusivamente) ligado aos sindicatos.

No terceiro capítulo denominado “Os trabalhadores e seu mundo”, o autor traça um perfil sócio-ocupacional, nacional, etário, dos membros vinculados ao Centro Operário da Bahia com destaque para as trajetórias de Domingos Francisco da Silva e Ismael Ribeiro dos Santos, tudo isso com o intuito de perceber em suas vidas quem eram estes trabalhadores, qual o contexto em que estavam inseridos e quais as redes de sociabilidade que aprenderam a construir na luta contra as adversidades. Castellucci constata que a maioria dos membros do Centro Operário da Bahia era composta por artesãos (trabalhadores com maior qualificação), muitas vezes proprietários de oficinas e donos de seus próprios instrumentos de trabalho. Tal composição fazia com que estes artífices pudessem ter um controle maior do mercado de trabalho e um maior poder de barganha perante às autoridades.

Grande parcela destes trabalhadores estavam engajados em obras do Estado, seja nos trabalhos referentes aos Arsenais de Marinha e Guerra, seja na construção de penitenciárias e hospitais do Estado, atuando como pedreiros, carpinteiros, marmoristas, marceneiros, funileiros, entre outros. Dessa forma, em seus quadros estavam excluídos trabalhadores menos qualificados como os têxteis e os operários de padaria, por exemplo. Embora sua maioria fosse composta por artesãos, é preciso atentar para o caráter pluriclassista do Centro Operário de Bahia, contendo também entre seus membros funcionários públicos, comerciantes, proprietários de estabelecimentos e até mesmo banqueiros.

O quarto capítulo intitulado “O sonho com a República social” mostra o complexo ideário social que permeava os membros do Centro Operário que muitas vezes passava pelo cristianismo, mutualismo, abolicionismo, liberalismo, socialismo, positivismo e republicanismo. Ainda que houvesse divergências em relação aos ideais partilhados por diferentes indivíduos pertencentes àquela instituição, vale destacar que havia um consenso entre os membros do Centro Operário da Bahia com relação ao republicanismo. Muitos deles acreditavam que o regime republicano seria marcado por um governo que iria garantir aos trabalhadores maiores direitos e isso fica evidente nos discursos de seus membros.

No quinto e último capítulo denominado “Os eleitos da classe operária”, Castellucci demonstra sobretudo, o número de indivíduos do Centro Operário que conseguiram galgar importantes cargos nas eleições. Evidencia, mais uma vez, que os trabalhadores já se encontravam envolvidos nas eleições desde o Império. Contudo, a sua imensa participação foi como votantes (eleitores primários) e em número pouco expressivo em relação aos eleitores. Todavia, a mudança para a República alterou de certa forma tal situação, uma vez que os trabalhadores não mais teriam que restringir suas candidaturas através de chapas entre o Partido Liberal ou Conservador, mas sim a partir dos próprios partidos operários como foi o caso do Centro Operário da Bahia. Sendo assim, durante a Primeira República diversos trabalhadores do Centro Operário foram eleitos para os cargos de juiz de paz e conselheiro municipal.

Desta maneira, ainda no último capítulo, o autor destaca as eleições de 1903 que teve 18 artesãos filiados ao Centro Operário eleitos para a justiça de paz. Sete anos depois, foram eleitos novamente para o mesmo cargo 12 artesãos vinculados à mesma instituição. Já com relação ao cargo de conselheiro municipal entre os anos de 1892 e 1907 foram eleitos 19 representantes do operariado, entre eles, figuras importantes e que estiveram intimamente ligados na fundação do Partido Operário da Bahia, da União Operária Baiana e do Centro Operário da Bahia, foram eles: Elysiário Elysio da Cruz, Prediliano Pita, Ismael Ribeiro dos Santos, Domingos Francisco da Silva e Manuel Querino. O que está em foco neste capítulo, na verdade, é a defesa da sua própria tese: a de que os trabalhadores da Bahia estavam, desde o Império, envolvidos na política, construindo suas identidades, estabelecendo seus antagonismos e lutando desde aquele período por reformas sociais que os favorecessem.

Tendo feito uma análise da estrutura, dos temas e da organização presentes nos capítulos, faz-se necessário, por conseguinte, salientar a relevância da obra e suas contribuições para a historiografia. Primeiramente, vale atentar para o fato de que o estudo aborda uma história política atrelada ao social, com foco na vida de sujeitos comuns, nesse caso os trabalhadores, diferente de uma história política tradicional já tão criticada pela Escola dos Anais e que tinha ênfase nos grandes homens e grandes feitos. Outra característica importante está no recorte cronológico da obra, ao estudar a trajetória de sujeitos como Domingos Francisco da Silva, Ismael Ribeiro dos Santos, Manuel Querino, entre outros, o autor acabou abrangendo um período que vai desde meados do século XIX até os primeiros anos da Primeira República. Isso vai ao encontro das novas pesquisas sobre história do trabalho que, ao contrário do que se estabeleceu na historiografia durante muito tempo, mostram que é possível se fazer uma história dos trabalhadores mesmo em períodos anteriores à Primeira República, período este tido como nascimento da classe operária.

Não menos importante também é o fato de que, ao traçar um perfil da classe trabalhadora pertencente ao Centro Operário da Bahia, Castellucci chegou à conclusão que a maioria era composta por negros, o que rompe com a ideia tão difundida de que os negros teriam sido excluídos do mercado de trabalho. Ainda que tal fenômeno tenha acontecido, sobretudo na região Sudeste, no estado da Bahia essa interpretação da

realidade não é válida, pois a mesma mão de obra utilizada no período da escravidão continuou a ser absorvida durante a Primeira República. Tal resultado difere da interpretação clássica da conhecida escola paulista, responsável por afirmar que a transição do trabalho escravo para o livre ocorreu somente através da substituição dos escravizados pelos imigrantes, o que faz concluir que é preciso que o historiador esteja atento às peculiaridades de cada lugar que estuda e que não se deixe cair em armadilhas de cometer generalizações.

Finalmente, acredito que a leitura deste livro é altamente recomendada, sobretudo pela conjuntura em que vivemos, marcada por uma precarização do trabalho e dos direitos do trabalhador. Sendo assim, é um bom momento para que a classe trabalhadora, os movimentos sociais, os partidos políticos, sobretudo os de esquerda, possam repensar suas ações, suas alianças e irem às ruas lutar para que os esforços dos trabalhadores e de seus antepassados pela conquista de direitos não tenham sido em vão.

Resenha recebida em 8.10.2016

Aprovada em 4.11.2016